

**“FRACASSADOS E BONS COMPANHEIROS:
o irrecuperável numa comunidade pesqueira**

Simone C. Maldonado
DCS-CCHLA-UFPb

“Propriedade não quer dizer senão o comportamento do homem perante as suas condições de produção como pertencentes a ele, como pressupostos da sua própria existência (. . .) e que por assim dizer formam apenas o seu corpo prolongado.”

Karl MARX

A reciprocidade que sociólogos como Marcel Mauss (1967) consideram axiomática à sociedade, continua sendo uma noção eminente às análises sócio-antropológicas da vida humana e da expressão do homem em sociedade.

As etnografias têm testemunhado as mais variadas formas de expressão da reciprocidade que resulta no “segredo compartilhado” de que fala Jung (1986) constituindo o cimento da coesão dos grupos e elemento inerente aos pactos dos homens.

Os estudos na área de Antropologia Médica destacam em especial a expressão da reciprocidade e as formas de solidariedade e de troca que esta noção inspira em eventos de doença, crise, de aflição. As etnografias feitas na América Latina terminam por falar de “susto” (Rubel, 1960; 1964; 1966; 1984; Collado-Ardón, 1986), estado crítico tendente a ocorrer em

contextos de estrição e de inadequação social. Vale adiantar que essa inadequação sobretudo quando assume a forma de ausência do trabalho, agressividade e depressão, é ao mesmo tempo causa e efeito de "susto". As interpretações do fenômeno variam, no entanto, de trabalho para trabalho. Há os que tratam o "susto" como uma trégua que o indivíduo se concede com o beneplácito social, para refazer-se de algum impacto ou de tarefas onerosas às quais não consegue corresponder (Uzzel, 1974).

Rubel (op. cit.) que estudou intensivamente o fenômeno em contextos latinos nos Estados Unidos, associa-o a estados patológicos e ao medo "real" de alguma coisa como cair dentro de um rio ou encontrar-se com uma cobra. Registra-se fenômeno semelhante entre indígenas brasileiros. Em comunicação pessoal, o antropólogo David Price, estudioso dos índios nambíquara, descreveu duradouras lenga-lengas e expressões de raiva ou de dor de pessoas aflitas nas reuniões noturnas ao pé da fogueira. No livro "Uirá, um índio sai à procura de Deus", Darcy Ribeiro contextualiza o estado "ifiaron", em que o aflito quebra, queima, destrói seus objetos e até mesmo a sua moradia, para aliviar-se da dor.

Característica de sociedades "simples"? Forma "adaptativa" de legitimar, por exemplo, a ausência do trabalho ou a agressividade de uma maneira geral?

Enquanto expressão da reciprocidade em contextos simples, a aceitação de tais comportamentos e as formas específicas de tratar a aflição individual são viáveis em razão de uma lógica produtiva orientada por princípios de natureza moral diversos da produção industrial capitalista.

Trata-se aqui do relato de quando e como tomei conhecimento do fenômeno do "fracasso" durante experiência de campo entre pescadores artesanais da Paraíba. Em seguida, desenvolvo reflexões no sentido de mostrar como na forma social aqui tratada, a pesca, a expropriação dos instrumentos de trabalho no processo de industrialização e assalariamento incide sobre as possibilidades do pescador e a sua expressão no mundo.

EM 1978

A comunidade pesqueira artesanal de Ponta de Mato fervilhava em fins de 1978 quando lá cheguei para o que pretendia fosse um exercício de "observação participante", tradicional à metodologia antropológica. Muitas

mudanças nas técnicas pesqueiras ali ocorriam naquele momento, *pari passu* com modificações na organização da produção e nas relações sociais.

Naquela comunidade de pescadores tradicionalmente artesanal e autônoma, haviam-se instalado uma pequena indústria lagosteira e depois uma cooperativa que visava absorver o pescado localmente coletado, promover a melhoria das condições de produção e de vida do pescador artesanal e uma comercialização mais ampla do produto, idealmente dissociada da pessoa do atravessador (ou intermediário) e que financiava botes e motores através do Banco Nacional de Crédito Cooperativo.

A pesca tradicional de Pontade Mato se fazia "a pano" (a vela) em "róis de pesca" (grupos de trabalho) de três a quatro homens, em caráter predominantemente familiar, voltando-se para o consumo assim como para a venda, permitindo ao pescador enquanto proprietário do seu instrumental, uma identidade e, se quer, uma forma de cultura.

Os botes lagosteiros que ali chegaram trazidos pela empresa de pesca, se orientavam na produção por princípios industriais que implicam na propriedade privada do instrumental de pesca, na produção exclusiva de valor de troca (1) e no assalariamento de pescadores. Desde que a empresa ali se instalara, os pescadores locais haviam passado a conviver com a nova frota, motorizada e guiada por princípios diversos dos seus na lógica produtiva, e com outra categoria de produtores marítimos, os pescadores assalariados.

Durante a pesquisa em que buscava identificar as estratégias produtivas e alimentares diante da sazonalidade da pesca e do assalariamento, apercebi-me de várias formas de expressão nas relações das pessoas, como trocas institucionalizadas de comida e de trabalho, sistemas de nominação, percepções específicas da divisão do mundo em "mundo de mar" e "mundo de terra" e sobretudo, trazendo nova tonalidade às tradições daquela comunidade, o assalariamento dos seus membros.

Como na maior parte das comunidades pesqueiras do mundo (cf. Acheson, 1980; Johnson, 1980; Breton, 1982; Diegues, 1983), Ponta de Mato é um grupo tradicional, fazendo o que se tem chamado "pesca de pequena escala", voltada para a produção de uma mercadoria de grande significação simbólica, o peixe, em volta do qual se vive ali nos termos de um determinado ethos (2). Tal modo de ser e de sentir se modifica em certos traços estruturais seus sob o impacto da modernização e da capi-

talização da pesca. A pesca tradicional no Brasil é uma das práticas marítimas em que o homem se articula com a natureza e tende a ocorrer em moldes "simples", chamados artesanais muito em função no nível tecnológico em que atuam e do meio que exploram para viver, como já disse neste texto.

Contudo, à diferença da terra, o mar é um recurso indiviso e não apropriado sob forma jurídica ou contínua, em que a territorialidade produtiva obedece a princípios consuetudinários e se realiza em formas simbólicas de divisão e de distribuição do espaço.

Além disso, o mar se caracteriza pela sua condição de "patrimônio comum", cujo acesso é regulado desde os grupos mais simples aos países litorâneos desenvolvidos, por códigos cujos traços caracterizam o mar diferentemente da terra, na representação dos que dele vivem.

Outro traço do mar e também estrutural à pesca, é o risco. Inúmeros artigos e livros sobre a vida social dos pescadores (cf. Acheson, 1980) e sobretudo os que falam da formação das tripulações (Tavares, 1974; Faris, 1972; Johnson, 1980; Diegues, 1983) e às relações que predominam em cada unidade de produção, registram expressões de comportamento, modos de relacionar-se e a organização de eventos ritualizantes objetivando minimizar os riscos e conflitos iminentes à permanência no mar alto, à pesca e ao mercado.

O traço eminente ao modo de ser do produtor marítimo é a independência, a autonomia que na pesca artesanal perpassa toda a atividade produtiva, determinando inclusive certos graus na hierarquia do trabalho. Essa autonomia "natural" calca-se em grande medida na inexistência de apropriação do meio e se faz acompanhar no universo pesqueiro, de manifestações de igualitarismo que propiciam modos de interação bastante característicos das sociedades marítimas tradicionais (Acheson, 1980; Nemec, 1972; Kottak, 1966 e 1982; Maldonado, 1986). Tais práticas, que vão desde périplos simbólicos e refeições ritualísticas a formas secretas de associação, de assistência mútua e de auto-representação, ocorrem com maior frequência no âmbito da pesca autônoma, cuja lógica produtiva as pode conceber e comportar, o que acontece com menor frequência em contextos industrializados e capitalistas.

Passo a referir-me a uma prática social num contexto autônomo de produção pesqueira que, pelos traços que pude registrar, ocorre em momentos críticos e carregados de interesse para aqueles pescadores.

"FRACASSO" E "FRACASSADOS": O IRRECUPERÁVEL

A primeira referência que tive do "fracasso" foi durante entrevista com um pescador que, ao falar-se de acidentes no mar, exclamou vivamente: "Graças a Deus eu nunca caí num 'fracasso' desses". Ainda impregnada dos termos do meu próprio universo social, recebi o comentário como se o "fracasso" fosse para seu João o que seria para mim.

Mais adiante, estando à beira-mar no fim do dia, ouvi o seguinte de um homem de meia idade que tinha o braço mutilado num acidente no mar e que ali se encontrava sempre àquela hora para ver 'entrar'(3) o seu bote, movimentado por dois dos seus filhos e por um sobrinho:

"Eu já estive fracassado mas passou. Graças a Deus meus filhos são agradecidos e compreendem a minha situação. Os camaradas me ajudaram quando eu precisei beber muito com desgosto porque eu ainda podia pescar muito se não fosse isto que me aconteceu. Mas agora já passou e eu tou conformado".

Percebi que havia mais do que ruína, perda ou malôgro no fenómeno do 'fracasso' e passei a buscar sua importância no contexto das demais relações sociais e na versão dos pescadores sobre a sua vida e a sua sociedade.

Chama-se 'fracasso' em Ponta de Mato certo estado depressivo não raro acompanhado de sintomas como dores musculares e estomacais, vômitos e insônia, em que o pescador atingido altera o seu comportamento habitual e a sua disposição para o trabalho. O indivíduo que 'cai num fracasso' passa por um fase crítica durante a qual, segundo a 'teoria local' (5) se reorganiza após acontecimentos como a morte inesperada de familiares, a viuvez, desavenças conjugais sérias e traição, além da perda total do bote ou danos graves no instrumental de trabalho que o aflito não esteja capacitado a recuperar.

Considera-se 'fracassado' o pescador que 'se desinteressa da pesca', tem o seu humor alterado — seja tornando-se agressivo ou caindo em depressão — e geralmente bebe muito.

O fracasso me pareceu ser uma crise reconhecida pelo grupo, que desenvolve mecanismos de legitimação para a ausência do aflito do processo de trabalho, e para a conseqüente impossibilidade de sustentar sua

família, de modo que ele possa vivenciar o impacto dos acontecimentos sobre o seu modo de ser e reorganizar-se após os eventos que causaram o seu 'fracasso'. Essa fase dura vinte dias aproximadamente, período em que outros pescadores – geralmente compadres, parentes ou membros do 'rol de pesca' do "fracassado" – provêem o sustento dos seus dependentes, sendo ainda legítimo que ele beba em paz e desabafe os seus sentimentos de modo a superar a crise e poder retomar a sua vida normal. Os pescadores assim explicitam a situação dos 'fracassados' e o seu comportamento para com eles e suas famílias:

"Esse aí tá fracassado. A mulher deixou ele. A senhora vê, tá desinteressado da pesca e tem que beber pra se aguentar".

"Ele hoje tá falando besteira mas é assim mesmo. Deixa que isso passa e ele fica bom. A gente dá o peixe dos meninos e ainda paga uma cachaça pra ele".

O 'fracasso' tem caráter passageiro e a sua superação nem sempre depende da recuperação do que se perdeu, mas antes se dá com a reintegração do 'fracassado' ao cumprimento das suas obrigações após o período socialmente organizado em que vivencia a sua crise e expressa a sua aflição.

Assim, o 'fracasso' tem causas físicas como a impossibilidade de pescar por doença ou por mutilação; causas materiais como a perda do bote que leva ao afastamento temporário do mar ou ainda causas morais como a dor pela morte inesperada de um ente querido e as desavenças conjugais. O importante nessa manifestação é que o grupo propicia ao flito a oportunidade de vivenciar o seu estado em nome da solidariedade inspirada pela condição comum de pescadores. Tal solidariedade vai desde a reverência para com os termos do 'fracasso' do outro, até a legitimação da sua ausência do trabalho e a assistência ao sustento dos seus dependentes.

AUTONOMIA E ASSALARIAMENTO

Dois aspectos me parecem reveladores na leitura do texto do "fracasso" em que se me apresentou a expressão da solidariedade inspirada no conceito de "bom companheiro", ocorrendo o fenômeno sempre no âmbito da pesca autônoma, e vale dizer também, sempre no universo masculino.

Referir-me há pouco a trocas de comida e trabalho como expressões perceptíveis da solidariedade que ali marca as relações sociais e que junto com outras, fazem parte do modo de ser daqueles pescadores. Entre eles são frequentes as doações e trocas de peixe, sempre dentro de parâmetros ditados pelo próprio simbolismo deste item alimentar que é também a mercadoria por excelência produzida em Ponta de Mato. O pescador "fracassado" conta com a assistência de outros durante a sua crise, através da doação de alimentos simbolizados no comportamento verbal na palavra "peixe". Assim é que se dá o "peixe" necessário a sobrevivência da família do outro, em itens como leite, farinha ou feijão.

Apesar de não terem o mesmo acesso ao pescado que os autônomos, os assalariados não estão excluídos dessas transações. É comum que pescadores autônomos apresentem os assalariados com pescado, havendo ainda outros meios de colaborar para que estes não se privem totalmente do consumo altamente valorizado de peixe.

Por exemplo, como aos assalariados não é permitido utilizar instrumentos de captura que porventura possuam, compadres ou vizinhos autônomos prestam-se a levar para o mar manzuás, caçoeiras, covos, entregando depois o pescado ao proprietário do instrumento que lhe havia sido confiado.

Quando um pescador recebe "peixe" de um companheiro, possivelmente não lhe retribua de imediato, mas certamente o fará comportando-se da mesma forma no caso do doador ou de outro pescador passar por crise semelhante à sua. Não percebe expectativa de retribuição imediata ou de igual valor tão somente, mas o grupo premia a prestimosidade com o rótulo extremamente valorizado de "bom companheiro".

"Temo o bom pescador e o bom companheiro. A senhora tem que fazer a diferença. Saiu lá pra fóra, é tudo uma coisa só. É tudo pescador!"

"É, mas tem uns cara que não dão um peixe nem por dez, nem despesca um manzuá pr'um camarada. Esse um dia vai ficar na pior. Ninguém faz nada por ele".

Proprietários dos seus botes (mesmo enquanto membros de gru-

pos familiares), do seu trabalho, do seu peixe e sobretudo de si mesmos, tais atitudes e comportamentos se viabilizam, sendo elementos estruturais do que se considera "ser bom pescador" e "ser bom companheiro" na concepção local.

Outro aspecto revelador do fenômeno do 'fracasso' é o fato de que ele não ocorre entre pescadores assalariados. Parece-me apropriado interpretá-lo como incompatível com a organização da produção industrial capitalista. Como já disse, o essencial no 'fracasso' é a vivência de uma crise que implica na ausência da pesca e a relação de assalariamento não o conceberia senão mediante a legitimação médica perante a empresa, o que por sua vez pressuporia o reconhecimento do 'fracasso' como doença ou razão para absenteísmo pela medicina oficial.

Na pesca industrial, a formação dos grupos de trabalho, a organização das jornadas e a ordenação hierárquica das tripulações obedecem a princípios outros e ocorrem em ritmo diverso do contexto artesanal, implicando inclusive numa forma de moralidade que não comporta o 'fracasso'. No contexto autônomo, os "róis de pesca" têm o seu referencial hierárquico, a sua divisão de tarefas e os seus pactos de fidelidade, confiança e de honra, baseados em relações familiares e afetivas e em formas específicas de distribuição e utilização do espaço produtivo. Tal modo de ser se reproduz em práticas sociais geralmente orientadas para a solidariedade, pela independência e em fidelidade às normas do "rol de pesca" e à autoridade dos "mestres". A eles, enquanto detentores de amplo e tradicional conhecimento do mar e membros mais velhos das tripulações, cabem as decisões fundamentais à pesca como as rotas e a duração das jornadas de trabalho e sobretudo a manutenção do segredo que envolve o que se passa em mar alto na intimidade das tripulações afastadas da terra às vezes por períodos bastante prolongados, além de deter as informações interessantes sobre o mar e sobre a pesca.

Em conjuntura assim, em que a reciprocidade é a tônica das relações sociais e em que o conhecimento confere autoridade, o 'fracasso' se viabiliza em vista dos demais pactos e representações de que se compõem a vida e a pessoa do pescador.

NOTAS

- (1) Ver a excelente colocação das sociedades segundo a produção de valor de uso ou de valor de troca feita por Taussig (1982).
- (2) Usa-se o termo ethos à maneira de Bourdieu, 1979.
- (3) Em Ponta de Mato os pescadores dizem "sair" quando pessoas ou embarcações entram no mar e "entrar" ao referir-se à volta dos botes para a terra.

BIBLIOGRAFIA

- ACHESON, J. – Anthropology of Fishing, *Annual Review of Anthropology*, vol. 10, 1980.
- BOURDIEU, P. – O Desencantamento do Mundo, Col. Elos, Ed. Perspectiva, 1979.
- DIEGUES, A. C. Santana – Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar, Ática, S. Paulo, 1983.
- FARIS, J. – Primitive Accumulation in Small-Scale Fishing Communities in M.E. SMITH (ed), 1977.
- FAVRET-SAADA, J. – Les Mots, la Mort, les Sorts, Gallimard, 1979.
- JOHNSON, Twig – Work Together, Eat Together: conflict and conflict Management in a Portuguese fishing village, in R. ANDERSEN (ed), Mouton, 1972).
- JUNG, C. G. – Memórias, Sonhos, Reflexões, Ed. Nova Fronteira, 1986.
- KOTTAK, Conrad – Ecology, Behavior and the Spirit of Fishermen, mimeo, 1979.
- MAUS, Mareel. – The Gift, Norton Library, 1967.
- The Structure of Equality in a Brazilian Fishing Community, tese de doutorado, Ann Arbor, 1969.
- MALDONADO, S. C. – Pescadores do Mar, Ática, S. Paulo, 1986.
- TAUSSIG, M. – The Devil and Fetishism Commodity in South America, Univ. of Michigan Press. 1982.
- TAVARES, M.G.P. – Um Estudo de Tomada de Decisão na Pesca Artesanal, Brasília, UNB, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, 1974.